



EXPECTATIVAS DOS EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS

2002-2004

Informação produzida a partir
de um painel experimental de produtores

MARIA DO SOCORRO ROSÁRIO

Índice

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PAINEL DE EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS	7
2. EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS NO PERÍODO DE 1996 A 2002.....	11
3. EXPECTATIVAS PARA 2002-2004	13
3.1. INTENÇÕES DE CURTO PRAZO PARA A MODIFICAÇÃO DA EMPRESA	13
3.2. O SENTIDO DAS ESTRATÉGIAS DE MÉDIO PRAZO	17
3.3. A OBTENÇÃO DE RENDIMENTOS NÃO AGRÍCOLAS	22
3.4. A CONJUNTURA AGRÍCOLA EM 2002.....	28
3.5. PERSPECTIVAS DE MÉDIO PRAZO PARA A SITUAÇÃO PROFISSIONAL NA AGRICULTURA	32
3.6. PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS PELO AGRICULTOR.....	39
CONCLUSÕES.....	44

Resumo

A informação sobre expectativas dos empresários agrícolas foi obtida através de entrevistas directas e pessoais realizadas junto de 1 250 produtores aderentes à Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA). Foram seleccionados cerca de 69% dos efectivos daquele sistema com base em critérios de conveniência, como a disponibilidade e o interesse pelo tema, tendo em vista representar diversos segmentos da agricultura nacional.

As entrevistas realizaram-se nos meses de Novembro e Dezembro de 2001. Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas relativas ao último exercício económico disponível (2000).

Da avaliação prosseguida, constata-se que a generalidade dos empresários agrícolas se encontra expectante, sem manifestar grande motivação para introduzir alterações no sistema de produção a curto ou a médio prazo (81%), disposição similar ao dos anos anteriores.

Por seu turno, as intenções de modificação do sistema de produção em 2002 reduzem-se a cerca de 18.9% dos inquiridos, com 3.5% e 15.4% dos mesmos, respectivamente, em processos de diminuição e de aumento da actividade das empresas e essa perspectiva, a médio prazo, aumenta nas situações activas para 24.9%, com redução da expansão e crescendo a intenção de retracção para 10.2%, o triplo da situação de curto prazo.

Cerca de 81.3% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola próprio com outras fontes. Apenas 17.1% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração e 1.6% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2002 assemelha-se à do ano de 2001, com um ligeiro agravamento das tendências pessimistas para a generalidade dos produtores inquiridos - as opções “pior”, “igual” e “melhor” congregaram 43.2%, 45.8% e 11.0% dos empresários, respectivamente.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 62.9% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional; 27.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 9.4% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro.

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas pelos inquiridos (56% das respostas); em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto de dificuldades, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (20% das respostas).

Introdução

Quando as condições previstas se alteram com maior profundidade do que aquela que é expectável, há uma mudança de atitude, de comportamento e de preferência, modificando estruturas e sociedades em busca de situações mais delineadas e enquadradas dentro de cada registo pessoal mediante os níveis de expectativas e as suas tendências em demarcar determinados rumos e segmentos, varrendo mais ou menos áreas, consoante uma meta determinada, que pode deambular por zonas visíveis ou virtuais com posições exteriores ao seu palco de acção.

É a vontade de conhecer a actuação dos protagonistas nesse cenário que nos propomos saber através das suas expectativas face ao desenrolar do tempo.

Estas expectativas, para 2002-2004, indicam-nos as tendências a curto e médio prazo, das dimensões e desempenhos por parte do empresário agrícola na sua empresa, a sua relação com a terra, a busca de outros rendimentos complementares, as motivações relativas à conjuntura actual e agrícola, o seu enquadramento profissional a médio prazo e dos acontecimentos que ocorrem no sector agrícola.

Este trabalho apresenta informação relativa às expectativas registadas por uma amostra de empresários agrícolas, inquirida desde 1996 e que se realiza anualmente. A inquirição é feita pelos técnicos do MADRP, afectos ao sistema RICA. Estes contactam frequentemente os empresários agrícolas aderentes ao sistema, estando especialmente vocacionados para transmitir os mais complexos argumentos dos inquiridos em questão. Os dados são provenientes de uma sub-amostra do painel RICA que, procurando abarcar a maior diversidade de casos de observação, que foi orientada por conveniência, para melhor representar os diversos segmentos da agricultura.¹ Sublinhe-se que o interesse pelo tema e a disponibilidade para colaboração, constituindo condição de selecção, foram factores determinantes na qualidade das respostas conseguidas.

Neste quadro, é oportuno lembrar o esforço de todos os técnicos envolvidos nas diversas Regiões Agrárias para o bom desenvolvimento desta linha de trabalho.

¹ No âmbito do sistema de informação RICA, o plano de amostragem realizado assegura a representatividade dos campos de observação dos inquiridos à estrutura das explorações agrícolas, no âmbito do Sistema Estatístico Nacional, nas diversas localizações, orientações técnico-económicas e dimensões económicas.

1. Principais características do painel de empresários agrícolas

A informação obtida relativamente às expectativas de 2002-2004 decorreu de entrevistas directas e pessoais a produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA (cerca de 69% das observações). As entrevistas realizaram-se no mês de Novembro de 2001 prolongando-se para o mês de Dezembro.

As variáveis de estratificação e de caracterização da amostra compreendem designadamente, a *Idade do Produtor*, a *Superfície Agrícola Utilizada (SAU)* da exploração, a sua *Dimensão Económica (UDE)* e a *Orientação Produtiva (OTE)* de acordo com a Tipologia das Explorações Agrícolas, Sistema Estatístico Europeu), o *Nível de Rendibilidade* da empresa e a *Região Agrária* na qual está localizada.

As observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada na Figura 1 e Quadros 1.1 a 1.6. A distribuição do painel por *Região Agrária*, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte também a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho.

A amostra trabalhada contém uma representação relativamente uniforme dos diferentes Grupos Etários considerados, variando de 28% dos efectivos na classes superior a 60 anos, até um máximo de 43% das observações no grupo etário com idade superior a 50 anos.

A distribuição das empresas por *Orientação Produtiva* denota uma representação particular dos sistemas de pecuária-Bovinos e plantações de Culturas Permanentes (Vinha, Olival e Pomares); por *Dimensão Económica* da actividade das explorações (margem bruta estimada) verifica-se uma concentração das observações nas classes de dimensão média/média-grande.

Na *Superfície Agrícola Utilizada* há uma concentração nas classes com pequena ou pequena-média área. Cerca de 62% das observações são constituídas por empresas com menos de 20 ha de SAU, integrando o painel 18% de empresas com mais de 50 ha de área agrícola.

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade considerados (Rendibilidade Global dos Factores² observada em 2000), verifica-se que cerca de 43% da amostra se situa na classe mais alta de nível de remuneração média dos factores (o que, em si, traduz nível aceitável/alto, de rendimento em termos absolutos), pertencendo 18% das observações à classe não rendível e 39% ao conjunto da classe de rendibilidade intermédia.

Quadros 1.1 a 1.6 - Distribuição das Observações do “Painel Expectativas” segundo as Principais Características

Quadro 1.1- Região Agrária

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Entre-Douro e Minho	182	14.6	22
Trás-os-Montes	180	14.4	16
Beira Litoral	105	8.4	14
Beira Interior	83	6.6	7
Ribatejo e Oeste	217	17.4	19
Alentejo	208	16.6	8
Algarve	46	3.7	5
Madeira	66	5.3	3
Açores	163	13.0	5
Total	1250	100	100

Rga 99-Recenseamento Geral Agrícola 1999 (% sem as explorações com menos de 2UDE)

Quadro 1.2- Orientação Produtiva

	Nº exp.	%	Rga 99(%)
Culturas Arvenses	127	10.2	10
Horticultura	112	9.0	5
Cult. permanentes	279	22.3	41
Bovinos	336	26.9	10
Ovinos	113	9.0	8
Policultura	145	11.6	12
Agro-pecuária	124	9.9	13
Pecuária sem terra	14	1.1	2
Total	1250	100	100

Quadro 1.3 – Dimensão Económica

	Nº exp.	%	Rga(99%)
Pequenas	151	12.1	43
Pequenas/médias	208	16.6	27
Médias	321	25.7	15
Médias Grandes	403	32.2	10
Grandes	167	13.4	5
Total	1250	100	100

Quadro 1.4- Grupo Etário

	Nº exp.	%
<= 40 anos	262	21.0
40 a <=50 anos	329	26.3
50 a <=60 anos	309	24.7
> 60 anos	350	28.0
Total	1250	100

Quadro 1.5- Superfície Agrícola Utilizada

	Nº exp.	%
Pequena	320	25.6
Pequena/média	456	36.5
Média	245	19.6
Média/grande	229	18.3
Total	1250	100

Quadro 1.6 - Nível de Rendibilidade

	Nº exp.	%
Fraco	227	18.2
Médio	485	38.8
Elevado	538	43.0
Total	1250	100

² Rendibilidade global dos factores é o rendimento resultante do produto bruto da exploração (subsídios e prémios correntes) face aos encargos reais deduzidos de juros, encargos financeiros, amortizações de culturas permanentes e de melhoramentos fundiários, conservação de construções e de melhoramentos fundiários) mais os encargos atribuídos.

Rendibilidade Global dos Factores = Produto Bruto / (Enc. Reais - Amortizações Culturais Permanentes e de Melhoramentos Fundiários - Conservação de Construções e Melhoramentos Fundiários + Enc. Atribuídos)

2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 2002

Com a informação recolhida em anos anteriores, é possível observar a evolução verificada nas expectativas dos produtores contactados nas sucessivas operações, com o objectivo de enquadrar a tendência observada em todos os anos do trabalho. Assim, apesar da composição do painel se ter alterado de um ano para o outro, identificaram-se 401 produtores presentes no conjunto destas sete operações.

Desta forma é possível trabalhar os dados de forma agregada, relativamente a questões menos abertas. Para tal, foram utilizados os apuramentos da questão colocada relativamente ao "*futuro (2/3 anos) da profissão de agricultor*", uma vez que esta será, muito provavelmente, aquela que melhor representará a percepção que cada um dos inquiridos possui relativamente ao seu futuro como profissional da agricultura. A posição de cada empresário face à questão colocada foi tratada como pergunta de resposta fechada, prevendo-se as hipóteses *melhor*, *igual* e *pior*. A evolução verificada contém transferências de posição ao longo do período, em vários sentidos.

Quadro 2.1-Evolução das expectativas a Médio Prazo de 1996 a 2002

Tendência	1996		1997		1998		1999		2000		2001		2002	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Pessimista	224	56	225	56	247	62	257	64	264	66	267	67	296	74
Expectante	111	28	127	32	121	30	118	29	110	27	110	27	91	22
Optimista	66	16	49	12	33	8	26	7	27	7	24	6	14	4
Total	401	100	401	100	401	100	401	100	401	100	401	100	401	100

O pessimismo assume neste período valores crescentes, tomando entre 56% e 74% dos inquiridos, aumentando 6%, em 98, mais 2% em 1999 e 2000, abrandando para 1% em 2001 e aumentando bastante, 7%, em 2002. Este reforço da posição pessimista tem origem no "*grupo pessimista*" de partida (1996) e com a participação daqueles que assumiam uma atitude expectante: cerca de 21.3% e 24.3% em 1997 e 1998, decresce em 1999, 2000 e 2001, com 19.8, 19.7 e 16.9 pontos percentuais respectivamente, em 2002 volta a aumentar para 20.9%, Também o "*grupo optimista*" de 1996 cedeu para o pessimista cerca de 10.2% dos seus efectivos em 1997, diminuiu para 8.5 e 7.4% em 1998 e 1999, volta a decrescer em 2000 e 2001 para valores de 5.7 e 5.6% e em 2002 cerca

de 3.7%. O fenómeno pessimista mostra uma tendência crescente (18% no período em análise), mas o seu ritmo registou um ligeiro abrandamento nos anos de 2000 e 2001 para, neste ano de 2002, voltar a crescer.

O sentido inverso foi observado dentro dos posicionamentos optimistas, que começam com 16% e em 2002 apresentam apenas 4% (uma quebra de 12 pontos percentuais). Dos valores optimistas observados inicialmente, como base de partida, decresceram de uma forma não contínua, cerca de 34.8% de 1996 a resultar em 46.9% dos inquiridos em 1997, cerca de 27.3% em 1998, de 30.8% em 1999, 14.8% em 2000, 16.7% em 2001 e 28.6% em 2002, já apresentando uma maior manutenção de optimismo. Essa mudança de opinião foi realizada pela transferência de cerca de 65.1% do "*grupo optimista*" de 1996 para as outras situações, de 81.7% em 1997, de 75.8% em 1998, de 84.6% em 1999, de 86.2 % em 2000, de 83.3% em 2001 e 71.4% em 2002.

No entanto, é de salientar que, em termos relativos, é o grupo pessimista que maiores efectivos cede ao grupo optimista, com 38.8% dos seus efectivos em 1997, 42.4% dos em 1998 e 42.3% em 1999, 51.9% em 2000, 41.7% em 2001 e 57.1% em 2002. A participação do "*grupo expectante*" ronda, ainda em termos relativos, 14.3%, 30.3%, 26.9%, 33.3%, 41.7% e 14.3% dos seus efectivos nos respectivos anos. De notar, contudo, que o número de empresários que manifestaram expectativas optimistas neste período retraiu-se em cerca de 79%.

As atitudes expectantes definiram um posicionamento com uma oscilação suave ao longo deste período (cresce 4% no ano de 1997; decresce levemente em 1998 e em 1999, mantém-se em 2000 e 2001 e volta a decrescer 5 pontos percentuais em 2002. Em termos do conjunto de inquiridos, o "*grupo expectante*" representa entre 22% e 32% do total de inquiridos para os vários anos. Essa manutenção de uma posição relativa resulta da conjugação de diversos factores: dos empresários que mantiveram as suas posições (os quais representam 44.1%, 47.1%, 53.4%, 51.8%, 50.0% e 50.5% nos seis anos consecutivos) e também, da alteração de opinião do "*grupo pessimista*" (em 1997, deslocaram-se para esta posição 40.2% dos inquiridos, de 37.2% em 1998, e nos três anos seguintes cerca de 41.5, 41.8, 42.7% e em 2002 cerca de 39.6%). Apesar de participar com valores mais baixos, o "*grupo optimista*" contribuiu com 15.7%, 15.7%, 5.1%, 6.4%, 7.3 e 9.9% respectivamente nos últimos seis anos.

3. Expectativas para 2002-2004

3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa

Quanto à intenção de modificação do sistema de produção em 2002, nas respostas obtidas para as opções de *diminuição*, *aumento* e *manutenção* do actual sistema de produção, foram apurados os valores de 3.5, 15.4 e 81.0 % dos inquiridos (em 2001 foram 5.0, 16.4 e 78.6 %), respectivamente, onde se observa uma diminuição das situações activas em cerca de 3%. Continua pois a reforçar-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo, na generalidade das regiões agrárias e classe etária do dirigente da exploração, dos sistemas produtivos das classes de dimensão económica e de nível de rendibilidade.

As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários. O grupo com idade igual ou menor a 50 anos apresenta uma forte participação no total que pretende desenvolver o sistema de produção, com 62%, o que reflecte a opção de cerca de 32% no escalão mais jovem e de 30% no escalão entre 40 e 50 anos. Note-se que o grupo etário superior a 60 anos é aquele que mais contribui para a estratégias de retracção dos sistemas de produção, que soma 41% das intenções.

Quadro 3.1.1- Estratégias de curto prazo por Classe Etária

Idade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 40 ANOS	26	16	23	19	38	32	26	21
40 a <=50 ANOS	24	21	40	26	38	30	39	26
50 a <=60 ANOS	15	23	21	26	17	19	20	25
> 60 ANOS	35	41	16	29	7	19	15	28
Total de Explorações	62	44	975	1013	204	193	1241	1250

De 2001 para este ano, a contribuição para a estratégia da diminuição da exploração acentuou-se nas duas classes mais idosas. Simultaneamente, cresceu também a importância da classe de 50-60 anos, e principalmente da seguinte, para o aumento do sistema de produção.

Em termos de dimensão física, as intenções de modificação no sentido da diminuição encontram-se distribuídas pelas duas classes de menor dimensão física, atingindo 78%.

O aumento é mais característico dos empresários que trabalham em dimensões superiores a 20 ha.

Quadro 3.1.2 - Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Diminuição		S/ Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 5 ha	27	39	27	27	20	17	25	26
5 a <=20 ha	45	39	38	36	34	36	38	37
20 a <=50 ha	19	9	18	19	26	25	19	20
> 50 ha	8	14	17	18	20	22	18	18
Total de Explorações	62	44	975	1013	204	193	1241	1250

De um ano para o outro, nota-se que a classe de 5 a 20 ha continua a concentrar situações activas, regista-se um aumento significativo das classes de menos de 5 ha e mais de 50 ha para a diminuição, e das classes de 5-20 ha e mais de 50 ha no sentido do aumento da actividade.

Quando se aborda a alteração dos sistemas, pela sua orientação produtiva, verifica-se que a diminuição é mais pretendida pelos produtores de Bovinos, como também o contrário, o aumento do sistema de produção. De salientar que nas orientações de Horticultura e Policultura apesar de concorrerem com uma percentagem menor, também pontuam nas duas tendências opostas e apresentam uma maior tendência para a diminuição enquanto que os produtores de culturas permanentes se posicionam proporcionalmente mais para o aumento da actividade.

Quadro 3.1.3 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Orientação Produtiva (OTE)

Orientação Produtiva	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
Culturas Arvenses	6	2	9	11	5	9	8	10
Horticultura	10	16	9	8	7	10	9	9
Cult. Permanentes	18	9	25	22	26	26	25	22
Bovinos	35	34	24	26	31	32	26	27
Ovinos	13	11	10	9	11	8	10	9
Policultura	6	16	12	12	8	10	10	12
Agro-pecuária	10	9	10	11	11	4	11	10
Pecuária sem terra	2	2	1	1	1	1	1	1
Total de Explorações	62	44	975	1013	204	193	1241	1250

Nos dois anos em causa, a opção pela diminuição é particularmente sentida na Horticultura e Policultura, ainda que na primeira também se acentue a intenção de aumento. Outro reforço de estratégia de aumento verifica-se ainda, com intensidade reduzida, nas Culturas Arvenses.

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se que as classes com dimensão superior a 16 UDE são as mais susceptíveis de modificação no sentido do aumento do sistema. A diminuição, por seu lado, surge distribuída por todas as classes, mas é proporcionalmente mais relevante na dimensão inferior a 4 UDE e superior a 40 UDE. A estratégia de manutenção assume idêntica proporção em todas as dimensões.

Quadro 3.1.4 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<4 UDE	10	14	13	13	6	6	12	12
4 a <8 UDE	18	16	15	17	10	13	14	17
8 a < 16 UDE	22	25	27	27	27	22	27	26
16 a < 40 UDE	42	30	33	32	42	36	35	32
>= 40 UDE	8	16	12	12	15	23	12	13
Total de Explorações	62	44	975	1013	204	193	1241	1250

Ao compararmos os dois anos, a opção pela diminuição acentua-se nas classes de menos de 4 UDE, de 8 a 16 e mais de 40 UDE e o aumento progride nas classe de 4 a 8 e mais de 40 UDE.

As intenções de modificação distinguem-se também quando se consideram os diversos níveis de Rendibilidade das empresas, verificando-se uma tendência para o aumento da actividade nas duas classes de exploração de maior nível de Rendibilidade e para a re-tracção nas duas classes mais baixas de Rendibilidade.

Quadro 3.1.5- Estratégias de Curto Prazo por Nível de Rendibilidade

Nível De Rendibilidade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 0.5	19	21	18	19	8	13	16	18
0.5 a <=0.9	37	43	40	38	45	42	41	39
>0.9	44	36	42	43	47	45	43	43
Total de Explorações	62	44	975	1013	204	193	1241	1250

Os dois anos em causa mostram uma concentração da tendência de diminuição na classe de rendibilidade média, com a fraca a participar em aumentos nas duas situações activas.

A estratégia da diminuição está presente com intensidade nas regiões de Entre Douro e Minho e Ribatejo e Oeste, e o movimento de aumento tem a sua maior expressão novamente em Entre Douro e Minho.

Quadro 3.1.6 - Estratégias de Curto Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
E. Douro Minho	15	45	14	12	18	19	15	15
Trás-os-Montes	5	7	16	15	21	15	16	14
Beira Litoral	11	11	6	8	6	10	6	8
Beira Interior	6	7	6	6	8	10	7	7
Ribatejo e Oeste	29	21	17	18	16	13	17	17
Alentejo	6	5	18	17	13	18	16	17
Algarve	5	0	4	4	3	3	4	4
R. A. da Madeira	0	0	6	6	2	3	5	5
R. A. Açores	23	5	13	14	13	10	14	13
Total de Explorações	62	44	975	1013	204	193	1241	1250

De um ano para o outro, comparando, o Alentejo e as Beiras contribuem mais no sentido do aumento, e o Entre Douro e Minho, no sentido da diminuição.

3.2. O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido a imprimir a médio prazo à exploração agrícola foi retratado através de três opções principais, designadamente a *manutenção*, a *expansão* e a *retracção* dos sistemas de produção, tendo cada uma delas atingido globalmente dos inquiridos, 75.0%, 14.7% e 10.2% respectivamente. Estes valores são relativamente semelhantes aos do ano anterior, com cerca de 76.0%, 13.1% e 11.0%, tendo havido uma manutenção das posições activas.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões estudadas. Face às expectativas a curto prazo, acentua-se a expectativa de diminuição da actividade verificada

a partir do deslocamento, da tendência de manutenção em cerca de seis pontos percentuais.

Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária (Quadro 3.2.1), verifica-se que a retracção é uma opção dos empresários com mais de 50 anos, que participam em 72% dessa estratégia. Ao invés, o grupo formado pelos empresários com idade menor ou igual a 40 anos, pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção, actuando com 30% do total.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classe Etária

Idade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 40 ANOS	16	10	25	21	38	30	26	21
40 a <=50 ANOS	35	18	40	27	39	28	39	26
50 a <=60 ANOS	21	29	21	24	14	23	20	25
> 60 ANOS	28	43	14	28	9	19	15	28
Total de Explorações	136	127	943	940	162	183	1241	1250

De um ano para o outro, são as classes com mais de 50 anos que aumentam o valor da percentagem dos que pretendem retrain a empresa; as expectativas de expansão progrediram também nas duas classes mais velhas.

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a retracção se concentra nas classes de empresas com menos de 20 ha de SAU. A expansão, por outro lado, distribui-se mais nas classes com mais de 5 ha de SAU.

Quadro 3.2.2 - Estratégias de médio prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 5 ha	30	28	26	28	19	14	25	26
5 a <=20 ha	42	42	37	35	36	39	38	36
20 a <=50 ha	16	15	19	19	22	23	19	20
> 50 ha	12	15	18	18	23	24	18	18
Total de Explorações	136	127	943	940	162	183	1241	1250

Por tendência, a relação entre os dois anos mostra um aumento da retracção na classe de mais de 50 ha, enquanto que a expansão só não é pretendida pela classe mais pequena de dimensão física.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que cerca de 50% de retracção é proveniente das classes orientadas para os Bovinos, Ovinos e Policultura. Cerca de 33% das opções de expansão são devidas às Culturas Permanentes, onde se regista maior concentração destas opções entre 2001 e 2002.

Quadro 3.2.3- Estratégia de Médio Prazo por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
Culturas Arvenses	11	10	8	11	6	9	8	10
Horticultura	10	13	9	9	7	8	7	9
Cult. Permanentes	15	16	25	21	29	33	25	22
Bovinos	27	27	26	27	26	24	26	27
Ovinos	13	13	9	9	12	8	10	9
Policultura	11	13	10	12	11	10	10	12
Agro-pecuária	12	8	12	11	7	7	11	10
Pecuária sem terra	1	1	2	1	2	1	1	1
Total de Explorações	136	127	943	940	162	183	1241	1250

De um ano para o outro verifica-se, pelo inverso, um aumento de retracção em Horticultura e em Policultura; onde se observa uma maior intensidade da expansão é nas Culturas Permanentes.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para a retracção na classe inferior a 8 UDE. O valor da expansão da actividade é superior nas três classes maiores, onde se afirma proporcionalmente superior à tendência de decréscimo.

Quando se relaciona os dois últimos anos observa-se um aumento da retracção nas classes extremas.

Quadro 3.2.4 - Estratégias de Médio Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<4 UDE	10	12	14	14	5	4	12	12
4 a <8 UDE	23	21	14	17	8	12	14	17
8 a < 16 UDE	29	25	26	25	27	28	27	26
16 a < 40 UDE	32	32	34	32	42	35	35	32
>= 40 UDE	6	9	12	12	18	21	12	13
Total de Explorações	136	127	943	940	162	183	1241	1250

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como no curto prazo, as empresas de classe intermédia a alta rendibilidade possuem maior apetência para a expansão dos sistemas produtivos do que as que obtiveram resultados económicos de nível inferior (onde a tendência decrescente é proporcionalmente superior à de aumento, vd Figura 3).

Quadro 3.2.5 - Estratégias de Médio Prazo por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 0.5	23	27	16	18	9	13	16	18
0.5 a <=0.9	38	42	41	38	42	42	41	39
>0.9	47	31	43	44	49	45	43	43
Total de Explorações	136	127	943	940	162	183	1241	1250

Contudo, comparando os dois anos, a intenção de expansão é a que regista globalmente crescimento; por outro lado, os grupos de rendimento baixo e intermédio verificam um aumento de percentagens na retracção como também no sentido da expansão.

Nas regiões agrárias, a retracção concentra-se em Ribatejo e Oeste, mas também nas regiões de Açores e Entre Douro e Minho; no entanto, esta última também apresenta valores elevados para a expansão, conjuntamente com Trás os Montes e Alentejo.

Comparando os dois anos, a retracção eleva-se no Alentejo e Açores, principalmente. Por seu lado, o desejo de expansão a médio prazo acentua-se em Trás os Montes, onde passa a constituir a opção mais relevante.

É, aliás, em Trás os Montes e Alentejo que os empresários assumem com maior veemência o desejo de expansão de actividade proporcionalmente aos que desejam manter ou diminuir a actividade. Este desejo é ainda registado, com menor incidência, em Entre Douro e Minho, Madeira e Beira Interior e o inverso observa-se nas regiões do Ribatejo e Oeste, Açores e Beira Litoral, onde prevalece a retracção.

Quadro 3.2.6 - Estratégias de Médio Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
E. Douro Minho	17	17	14	13	25	21	15	15
Trás-os-Montes	23	9	15	14	5	22	16	15
Beira Litoral	6	6	7	9	0	2	6	8
Beira Interior	8	8	6	6	10	8	7	7
Ribatejo e Oeste	28	28	15	16	15	16	17	18
Alentejo	6	10	18	17	20	21	16	17
Algarve	3	6	4	3	10	4	4	4
R. A. da Madeira	5	1	5	7	5	1	5	5
R.A. Açores	4	15	16	14	10	5	14	13
Total de Explorações	136	127	943	940	162	183	1241	1250

Os resultados obtidos relativamente às estratégias de médio prazo podem ser confrontadas com as intenções de curto prazo atrás referidas. A relação estabelecida entre as respostas a estas duas questões foi efectuada relacionando o número de inquiridos que manifestaram o mesmo tipo de intenção activa para as suas empresas a médio e curto prazo (Figura 4).

A médio prazo prevê-se uma retracção maior do que a presente, numa relação de cerca de 2.9 empresas a médio prazo para uma empresa a curto prazo. No que se refere à expansão, a relação médio/curto prazo, não chega ao valor da unidade (0.9), havendo assim menor desejo de expansão a médio prazo do que a curto prazo. O crescimento da situação de retracção a médio prazo é proveniente dos que indicaram a manutenção e expansão a curto prazo.

3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas

Auscultou-se a intenção de obter novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforçar as já existentes, diferenciando-se os rendimentos obtidos de forma exterior à empresa dos que nela são realizados.

Cerca de 81.3% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes, 17.1% dos produtores contactados pretendem recorrer a fontes externas à exploração, mas apenas 1.6% admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa; percentagens relativamente semelhantes ao do ano anterior com 82%, 17% e 2%, respectivamente.

A procura de rendimentos complementares por classe etária indica que a opção externa à empresa é mais participada pelo grupo com idade de 40-50 anos, atingindo cerca de 35% dos entrevistados que preferiram esta opção. Os rendimentos oriundos exclusiva ou principalmente da exploração são citados com maior determinação pelo grupo mais idoso.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos Complementares por Classe Etária

Idade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 40 ANOS	31	22	25	21	40	25	26	21
40 a <=50 ANOS	45	35	38	25	35	25	39	26
50 a <=60 ANOS	18	25	20	24	20	20	20	25
> 60 ANOS	6	18	17	30	5	30	15	28
Total de Explorações	206	211	1015	1019	20	20	1241	1250

Nos dois anos a tendência para a procura exterior aumenta proporcionalmente nos grupos etários a partir dos 40 anos, enquanto que os rendimentos complementares provenientes de dentro da exploração registam um acréscimo significativo no grupo mais velho.

A procura de rendimentos complementares, no exterior, quando analisada por classes de SAU, indica uma maior frequência nesta opção das classes de dimensão pequena/média, classes de menos de 20 ha de SAU. Porém, a busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração, encontra-se com maior frequência nas duas classes inter-médias.

Quadro 3.3.2- Rendimentos Complementares por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 5 ha	34	31	24	25	30	10	25	26
5 a <=20 ha	39	40	37	36	30	40	38	37
20 a <=50 ha	20	18	19	20	30	30	19	19
> 50 ha	7	11	20	20	10	20	18	18
Total de Explorações	206	211	1015	1019	20	20	1241	1250

Ao relacionar os dois anos a tendência da procura externa mantém-se de uma forma quase semelhante i. e., pouco expressiva, e dentro da exploração há um aumento nas classes de 5 ha a 20 ha e mais de 50 ha.

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva, verificou-se uma maior frequência desta intenção nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes, quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos sendo, nestes, os primeiros muito superiores (Figura 5). Em geral, a classe ligada a Policultura está mais direccionada para o rendimento interno.

Quadro 3.2.3- Rendimentos Complementares por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
Culturas Arvenses	8	10	8	10	0	5	8	10
Horticultura	11	10	8	9	10	5	9	9
Cult. Permanentes	32	27	23	21	30	45	25	23
Bovinos	16	23	28	28	25	20	26	27
Ovinos	5	9	11	9	15	10	10	9
Policultura	16	10	9	12	10	15	10	12
Agro-pecuária	10	10	12	10	10	0	11	10
Pecuária sem terra	2	1	1	1	0	0	1	1
Total de Explorações	206	211	1015	1019	20	20	1241	1250

De um ano para o outro verifica-se uma concentração de busca exterior na classe de Bovinos e Ovinos. A proveniência de rendimentos de dentro da exploração está a ser indicada pelas classes ligadas as Culturas Permanentes e Policultura.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para o complemento exterior das três classes de menor UDE. A utilização de rendimentos gerados no interior da empresa, surge apenas nas explorações de dimensão superior a mais de 8 UDE, parecendo este constituir o limiar de sustentabilidade do rendimento agrícola.

Quadro 3.2.4 - Rendimentos Complementares por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<4 UDE	20	18	11	11	5	0	12	12
4 a <8 UDE	19	19	13	16	10	0	14	17
8 a < 16 UDE	27	30	27	25	25	35	27	26
16 a < 40 UDE	26	22	36	35	40	30	35	32
>= 40 UDE	8	11	13	13	20	35	12	13
Total de Explorações	206	211	1015	1019	20	20	1241	1250

Quando se relaciona os dois últimos anos o complemento externo e interno, aumenta ligeiramente no primeiro caso e substancialmente no segundo, nas classes de 8 a 16 e mais de 40 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a obtenção de rendimentos dentro da exploração, contrariamente às menos rendíveis, que os procuram fora da empresa, ou seja a racionalidade de gestão e de rentabilização de recursos é a que apela à sua potenciação (geradora de maior rendimento).

Quadro 3.2.4 - Rendimentos Complementares por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
< = 0.5	26	21	14	18	10	20	16	18
0.5 a <=0.9	40	43	41	38	30	35	41	39
>0.9	34	36	45	45	60	45	43	43
Total de Explorações	206	211	1015	1019	20	20	1241	1250

Comparando os dois anos é no grupo rendível que se verifica aumentos de percentagens nos dois tipos de busca, externa e interna.

Numa perspectiva global a busca de rendimentos exteriores resulta do contributo das regiões de Ribatejo e Oeste, aqui o fenómeno mais relevante, Trás-os-Montes e Entre Douro e Minho. Essa mesma busca feita dentro da própria exploração é sugerida também por Beira Interior e Alentejo.

Quadro 3.2.6 - Rendimentos Complementares por Região Agrária

Região Agrária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
E. Douro Minho	17	25	14	13	25	15	15	15
Trás-os-Montes	23	17	15	14	5	15	16	15
Beira Litoral	6	6	7	9	0	5	6	9
Beira Interior	8	10	6	6	10	20	7	7
Ribatejo e Oeste	28	21	15	17	15	5	17	17
Alentejo	6	9	18	18	20	20	16	17
Algarve	3	4	4	4	10	5	4	4
R. A. da Madeira	5	3	5	6	5	5	5	5
R.A. Açores	4	5	16	15	10	10	14	13
Total de Explorações	206	211	1015	1019	20	20	1241	1250

Comparando os dois anos, no complemento externo, encontra-se com mais valor o Entre Douro e Minho, enquanto que na exploração são as regiões de Trás-os-Montes e da Beira Interior que mais aumentam os seus rendimentos complementares.

3.4. A conjuntura agrícola em 2002

A questão foi colocada numa altura em que já se configuravam as características que marcam a campanha agrícola de 2001/2002. Os empresários foram inquiridos nos seguintes termos: “*Como considera o ano agrícola de 2002 em relação ao ano de 2001?*”. Optou-se por uma pergunta com resposta fechada, prevendo-se as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”. Globalmente, foram apurados os valores de 43.2%, 45.8% e 11.0% (respectivamente, 51%, 40% e 9% no ano anterior), o que denota, apesar de ser uma tendência bastante pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos, uma ligeira alteração do sentido da melhoria.

A tendência a piorar é assinalada por todos os grupos etários, com maior ênfase na classe com mais de 50 anos e “*será melhor*” distribuí-se mais pelas duas classes mais jovens.

Quadro 3.4.1 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 40 ANOS	21	19	32	21	26	26	26	21
40 a <=50 ANOS	41	24	39	27	33	33	39	26
50 a <=60 ANOS	22	25	17	25	17	23	20	25
> 60 ANOS	16	32	12	27	24	18	15	28
Total de Explorações	631	540	496	572	114	138	1241	1250

Por comparação dos anos, o pessimismo atenuou-se globalmente, embora se acentuem na classe com mais de 60 anos e a classe que reforça o conjunto dos que referem melhoria é a dos empresários entre os 50 e 60 anos.

Em relação às classes de SAU, o pessimismo é encontrado com maior frequência nas classes com mais de 5 a 20 ha de SAU, e o optimismo, nas duas classes extremas.

Quadro 3.4.2- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe de SAU

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 5 ha	25	21	26	29	26	28	25	26
5 a <=20 ha	40	39	34	36	41	30	38	37
20 a <=50 ha	20	22	20	18	14	15	19	20
> 50 ha	15	18	20	17	19	27	18	18
Total de Explorações	631	540	496	572	114	138	1241	1250

Em relação aos anos considerados, o pessimismo aumenta ligeiramente nas classes de mais de 20 ha. O optimismo cresceu de uma forma acentuada na classe com maior área.

Na decomposição da amostra por Orientação Produtiva, verifica-se que para a situação do ano de 2002 ser pior do que 2001 a classe orientada para os Bovinos, em conjunto com a orientada para Culturas Permanentes, participam em 49% nessa penalização. À data do inquérito, consideraram o ano de 2002 melhor do que o ano anterior, os produtores com explorações orientadas para as Culturas Permanentes (27%), Culturas Arvenses (17%) e Horticultura (13%).

Quadro 3.4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
Culturas Arvenses	10	11	7	8	5	17	8	10
Horticultura	8	7	10	10	10	13	9	9
Cult. Permanentes	22	20	25	23	33	27	25	22
Bovinos	26	29	27	27	18	15	26	27
Ovinos	10	9	10	9	9	9	10	9
Policultura	11	12	10	12	6	9	100	12
Agro-pecuária	12	11	10	9	17	9	12	10
Pecuária sem terra	1	1	1	1	2	1	1	1
Total de Explorações	631	540	496	572	114	138	1241	1250

A relação entre os dois momentos de inquirição mostram um acréscimo do pessimismo na classe orientada para os Bovinos, assim como um aumento acentuado do optimismo nas Culturas Arvenses e Horticultura.

Dentro das classes de Dimensão Económica, o ano de 2002 é considerado relativamente melhor nas classes acima de 16 UDE.

Quadro 3. 4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<4 UDE	11	12	14	13	10	10	12	12
4 a <8 UDE	16	17	13	16	7	15	14	17
8 a < 16 UDE	29	27	24	25	25	24	27	26
16 a < 40 UDE	32	31	36	32	47	36	35	32
>= 40 UDE	12	12	13	14	11	15	12	13
Total de Explorações	631	540	496	572	114	138	1241	1250

Ao relacionar cada ano, observa-se um maior fluxo de optimismo nas duas classes de dimensão económica compreendida entre 4 e 8 UDE e na classe de mais de 40 UDE.

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas e por comparação do ano agrícola de 2002 com o ano de 2001, o pessimismo situa-se mais no nível intermédio e o optimismo no elevado.

Quadro 3.4.5- O ano decorrente relativamente ao anterior por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
< = 0.5	17	17	15	19	16	19	16	18
0.5 a <=0.9	43	43	39	36	39	34	41	39
>0.9	41	40	46	45	45	47	43	43
Total de Explorações	631	540	496	572	114	138	1241	1250

São as classes de rendibilidade extrema que mais contribuíram nestes anos em aumentos de optimismo.

Quadro 3.4.6 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
E. Douro Minho	14	14	16	16	15	11	15	15
Trás-os-Montes	12	14	20	16	18	12	16	14
Beira Litoral	7	9	4	9	11	5	6	8
Beira Interior	5	7	8	7	4	4	7	7
Ribatejo e Oeste	24	21	12	16	7	7	17	17
Alentejo	14	15	18	15	25	29	17	17
Algarve	4	2	6	5	1	6	4	4
R. A. da Madeira	4	2	5	5	7	17	5	5
R.A. Açores	16	16	11	12	12	9	14	13
Total de Explorações	631	540	496	572	114	138	1241	1250

Relativamente às regiões agrárias, o pessimismo e o optimismo encontram-se distribuídos com alguma incidência, para a primeira situação, no Ribatejo e Oeste e Açores e para a segunda opção o Alentejo, Madeira e Trás os Montes.

Na comparação dos anos, o optimismo é transmitido por regiões como Alentejo e Madeira.

3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, através das opções de resposta de “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”, 62.9% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 27.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 9.4% encararam com maior optimismo o seu enquadramento profissional futuro. Por outras palavras, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior, denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano. No ano anterior, para esta questão foram observados os valores de 60%, 30% e 9% respectivamente.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que níveis de resposta optimista se encontram com maior frequência nas duas classes mais jovens, com cerca de 69%. O pessimismo está instalado em todas as classes, principalmente na mais velha.

Quadro 3.5.1 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe Etária

Idade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 40 ANOS	22	17	30	24	38	37	26	21
40 a <=50 ANOS	41	25	39	28	30	32	39	26
50 a <=60 ANOS	21	26	17	24	19	21	20	25
> 60 ANOS	16	32	14	23	13	10	15	28
Total de Explorações	748	785	376	346	117	118	1241	1250

Nos anos em causa, o pessimismo aumenta no grupo com mais de 50 anos. Em relação ao optimismo, apesar de pequeno, há um acréscimo, nas classes de 40 a 60 anos.

Nas diversas classes de SAU, verificou-se que o pessimismo está mais instalado na classe de dimensão física de 5 a 20 ha, enquanto que o optimismo se encontra com maior frequência entre os empresários detendo explorações com 20 a 50 ha.

Quadro 3.5.2 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 5 ha	26	24	26	30	18	26	25	26
5 a <=20 ha	39	38	38	37	30	27	38	36
20 a <=50 ha	18	19	18	18	31	28	19	20
> 50 ha	17	19	18	15	21	19	18	18
Total de Explorações	748	785	376	347	117	118	1241	1250

Nos dois anos o pessimismo mantém-se nas diversas classes e o optimismo aumenta, apenas na classe de menor dimensão.

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. As explorações de Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas tanto pessimistas como optimistas mas, neste caso, consegue integrar 36% de agricultores para a condição de melhor futuro que, em conjunto com as empresas de Horticultura e Culturas Permanentes, agregam 70% dos optimistas. De salientar que a perspectiva negativa, abrange quase todas as empresas.

Quadro 3.5.3- O Futuro da Profissão de Agricultor, por Orientação Produtiva

Orientação Produtiva	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
Culturas Arvenses	11	12	5	7	5	3	8	10
Horticultura	7	7	12	12	9	14	9	9
Cult. Permanentes	23	21	29	27	18	20	25	22
Bovinos	23	27	26	24	44	36	26	27
Ovinos	11	9	9	9	9	7	10	9
Policultura	11	13	9	10	3	8	10	12
Agro-pecuária	13	10	9	10	9	10	11	10
Pecuária sem terra	1	1	1	1	1	2	1	1
Total de Explorações	748	785	376	347	117	118	1241	1250

A tendência pessimista agravou-se ligeiramente nos sistemas com orientação para a Bovinicultura, e o optimismo aumentou nas áreas de Policultura e Horticultura.

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que o pessimismo está presente em todas as classes de UDE e o maior optimismo situa-se nas classes com dimensão superior a 8 UDE, em especial com mais de 40 UDE.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Dimensão Económica	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<4 UDE	11	13	15	12	9	8	12	12
4 a <8 UDE	15	16	13	18	12	14	14	17
8 a < 16 UDE	27	26	26	24	24	27	27	26
16 a < 40 UDE	33	32	35	33	46	33	35	32
>= 40 UDE	14	13	11	13	9	18	12	13
Total de Explorações	748	785	376	347	117	118	1241	1250

A tendência de aumento de pessimismo nestes anos encontra-se na classe com menos de 8 UDE; por outro lado, são as classes com 4 a 16 e mais de 40 UDE, onde há um crescimento da opção "melhor".

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de rendibilidade considerados neste estudo, verifica-se que a distribuição das respostas para a atitude pessimista se encontra em todos os níveis de rendibilidade. É na classe de rendibilidade superior que se verifica o maior grau de optimismo.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
< = 0.5	17	19	16	18	10	11	16	18
0.5 a <=0.9	41	40	43	37	36	41	41	39
>0.9	42	41	42	45	54	48	43	43
Total de Explorações	748	785	376	347	117	118	1241	1250

Dentro dos anos, o pessimismo aumentou dentro das empresas de rendibilidade menor, inversamente, o optimismo só aumentou nas intermédias.

O resultado mais pessimista foi obtido nas regiões do Alentejo e Ribatejo e Oeste, a admitirem uma degradação do horizonte profissional a médio prazo. Em Trás os Montes é onde se concentra a maior satisfação no futuro, seguido dos Açores e da Madeira.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
E. Douro Minho	17	15	13	17	6	5	15	15
Trás-os-Montes	12	12	18	17	31	21	16	14
Beira Litoral	9	11	2	4	3	4	6	8
Beira Interior	6	7	8	8	3	4	7	7
Ribatejo e Oeste	18	18	20	19	10	9	17	17
Alentejo	17	18	15	15	18	10	16	17
Algarve	4	3	5	5	3	9	4	4
R. A. da Madeira	4	3	6	5	5	20	5	5
R.A. Açores	13	13	13	12	21	18	14	13
Total de Explorações	748	785	376	347	117	118	1241	1250

A tendência mostra que o pessimismo continua sensivelmente igual em todas as regiões. O optimismo aumentou no Algarve e Madeira e reduziu-se em Trás-os-Montes e Alentejo.

Quando se relaciona a perspectiva da vida profissional nos próximos 2 a 3 anos, com a situação presente, quer na atitude pessimista, quer na atitude optimista, os resultados denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista.

O pessimismo agrava em todos os tipos de empresários, apresentando uma relação de 1,5 empresários pessimistas a médio prazo, para um actualmente, que consideram o momento actual menos grave que o futuro.

O optimismo, apesar de ser bastante escasso, mostra que há quase um empresário (0.9) optimista a médio prazo para um a curto prazo.

3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor

Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se apenas referência à dificuldade à que é atribuída, pelo próprio, maior importância. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise e classificação do conjunto de respostas, constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades: Sócio-Políticas, Agro-Climáticas, Economia da Empresa, Enquadramento Económico Global e Dificuldades Internas da Estrutura da Empresa.

Genericamente, as dificuldades associadas ao Enquadramento Económico Global da actividade das empresas (escoamento dos produtos, custo dos factores de produção, rendimentos e margens de lucro baixos, entre outras) foram as mais referenciadas (56% das respostas); em segundo lugar, foram referidos os Bloqueamentos Estruturais (Dificuldades Internas) das empresas, em 20% das respostas. Por ordem decrescente de importância, surgiram a Situação Socio-política, os factores Agro-climáticos e finalmente, a Situação Económica da Empresa, com 10%, 10% e 4% das respostas, respectivamente. De salientar, que cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

A decomposição das dificuldades sentidas por classe etária denota uma tendência para a referência da Situação Agro-Climática e de Enquadramento Económico da Empresa por parte das classes de idade intermédia, 40 a 60 anos. No entanto, a classe de 40 a 50 anos assinala com ênfase as condições da Economia da Empresa, em conjunto com a classe mais jovem. Os aspectos de natureza Sócio-Político são as preocupações dos empresários com mais de 60 anos e por outro lado, a Estrutura da empresa, acompanhados da classe de 40 a 50 anos.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe Etária

Idade	Sócio- Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 40 ANOS	18	15	30	21	39	29	26	22	25	19	25	21
40 a <=50 ANOS	27	16	42	29	43	36	40	27	41	29	38	26
50 a <=60 ANOS	21	18	17	26	11	26	21	27	21	22	20	25
> 60 ANOS	35	51	11	24	7	9	14	25	14	30	15	28
Total de Explorações	127	125	130	123	68	49	636	692	261	247	1222⁽¹⁾	1237⁽²⁾

⁽¹⁾ Cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2001

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2002

Dentro dos anos todas as dificuldades aumentaram na classe de mais de 60 anos, principalmente a de natureza Sócio-Política, onde é sentida com bastante intensidade. As condições Agro-Climáticas, a Economia da Empresa e o Quadro Económico continuam a ser problemáticas, conforme relatado com algum ênfase pela classe de 50 a 60 anos.

As dificuldades referidas pelos empresários, quando desagregadas por classes de SAU, mostram-nos que na classe de menor dimensão física há maior incidência nas condições Sócio-Políticas assim como de Estrutura, e nesta situação também as empresas com 20 a 50 ha. As dificuldades que resultam de limitações provocadas pelas condições Agro-climáticas afectam, principalmente as empresas com mais de 20 ha de SAU. As Economias da Empresa são também mais insistentemente referidas pelas três classes de mais de 5 ha de SAU. O Quadro Económico Global estende-se por todas as classes mas com maior frequência na classe de 5 a 20 ha.

De 2001 para 2002, as dificuldades de natureza Sócio-Política aumentaram relativamente na Classe pequena. As condições Agro-Climáticas, passou a ser um problema ainda maior nas duas classes de maior área. Aumenta ligeiramente nas duas classes maiores a Economia da empresa. O Enquadramento da economia na sua globalidade, cresce na classe de 5 a 20 ha e há um ligeiro avanço nas questões relacionadas com a Estrutura da Empresa, pelas classes de menos de 5 ha e de 20 a 50 ha.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe de Área

Dimensão Física	Sócio-Político		Agro-climático		Economia Empresa		Quadro Económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002
<= 5 ha	29	33	20	18	19	19	25	24	29	32	25	26
5 a <=20 ha	41	36	37	24	39	37	38	41	34	30	37	36
20 a <=50 ha	13	15	23	28	21	22	19	18	21	23	19	20
> 50 ha	17	16	20	30	21	22	18	18	16	15	17	18
Total de Explorações	127	125	130	123	68	49	636	692	261	247	1222⁽¹⁾	1237⁽²⁾

⁽¹⁾ Cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2001

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2002

O conjunto de questões de natureza Sócio-Política são referidos, com alguma insistência, pelas classes orientadas para Culturas Arvenses/Extensivo e Policultura. As dificuldades de natureza Agro-Climática possuem expressão considerável nas explorações das classes orientadas para Bovinos e Ovinos que também salientam os aspectos decorrentes

de limitações da Economia da empresa. Nos aspectos associados ao Enquadramento Económico Global, assumem grande peso em todas as especializações. Com Dificuldades Estruturais encontram-se as empresas orientadas para as Culturas Permanentes e Bovinos.

Relativamente à Dimensão Económica das empresas, apenas existem ligeiras variações na importância dada aos aspectos ligados ao Enquadramento Sócio-Político pela classe de menor UDE, como nas questões de natureza climatérica sobressaem as classes de 8 a 16 UDE; a Economia de empresa é citada por parte do grupo formado com 4 a 16 UDE de dimensão económica; as dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global encontram-se, como as de Estrutura, distribuídas pelas várias classes.

Atendendo ao Nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. A classe das empresas consideradas pouco rendíveis referem sobretudo dificuldades na esfera Sócio-Política, enquanto que a classe intermédia se distribui pelas várias situações e a alta assinala as limitações resultantes das Condições Climatéricas, da Economia da Empresa e de Estrutura.

Por especificidade das regiões, o Enquadramento Sócio-Político é referido com muita intensidade nas regiões de Entre Douro e Minho, Ribatejo e Oeste, Alentejo e Madeira. As condições Climatéricas são preocupação de regiões como os Açores e Trás os Montes. Quanto à Economia das Empresas, é assinalada de uma forma concentrada pelo Alentejo e Trás os Montes e a Economia Global com maior insistência no Ribatejo e Oeste. Finalmente, o carácter estrutural é evidenciado pelas regiões de Trás os Montes, Entre Douro e Minho, Madeira e Açores.

Conclusões

A informação trabalhada tem origem num painel de 1250 produtores, representando 0.0064% do campo de observação, inquiridos em todas as regiões agrárias de Portugal, tirando especial partido da disponibilidade para colaborar e do interesse dos empresários pela avaliação da conjuntura interna e externa nas explorações agrícolas.

Os inquiridos manifestam pessimismo quanto ao momento actual, presentindo um agravamento das condições profissionais no futuro próximo. Contudo, cerca de 15% dos empresários pretendem continuar a desenvolver as suas explorações, prevendo um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação sensível em 2002, foram apurados os valores de 3.5%, 15.4% e 80.0% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção, seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos. As intenções de modificação dos sistemas a curto e médio prazo diferem com a classe etária dos empresários (aumento para os mais jovens e retracção para os mais idosos), com a dimensão física e económica (diminuição nas pequenas dimensões e aumento para as maiores) e com o nível de rendibilidade (aumento nas duas classes mais rendíveis e diminuição nas duas menores), com a orientação técnica (em aumentos e diminuições de classes especializadas em horticultura e bovinos e apenas aumentos nas culturas permanentes) e com a região (aumentos em Entre Douro e Minho, mas esta região também participa em diminuições, com Beira Litoral e Ribatejo e Oeste).

As estratégias de médio prazo identificadas, retratadas através de três opções principais (manutenção, expansão e retracção), atingiram valores de 75.0%, 14.7% e 10.2%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões. Verifica-se uma certa coerência entre as posições face às opções de curto prazo, em cada grupo de empresários formados a partir dos critérios de decomposição do painel.

Cerca de 81.3% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 17.1% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 1.6% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa. Esta perspectiva é característica dos sistemas produtivos com uma sazonalidade mais acentuada de ocupação de mão-de-obra; os sistemas de mão-de-obra intensiva por tendência não aderem a este tipo de processo de aumento de rendimento; mantém relativamente aos outros sistemas diversificados, designadamente os que incluem actividades pecuárias e culturas permanentes, mostram o sentido de obtenção de rendimentos não agrícolas no interior e exterior da empresa respectivamente. A procura de rendimentos não agrícolas exterior à empresa constitui uma opção, sobretudo, para os empresários responsáveis de empresas com menores níveis de rendibilidade, de área, de dimensão económica e em Entre Douro e Minho, Trás os Montes e Ribatejo e Oeste enquanto que é feito internamente, pelas empresas com área superior a 5 ha, dimensão superior a 8 UDE, rendibilidades extremas e situadas principalmente em Beira Interior e Alentejo.

Na opinião do inquiridos a expectativa relativa ao ano de 2002 assemelha-se à do ano de 2001, com ligeiro desagravamento das tendências pessimistas: as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*” agregaram 43.2%, 45.8% e 11.0% dos produtores inquiridos, respectivamente. O optimismo verifica-se com mais incidência nos grupos etários jovens, com dimensão física (SAU) extremada e a económica (UDE) num campo superior, com rendibilidade aceitável e orientadas para actividades como culturas permanentes, culturas arvenses e horticultura e principalmente no Alentejo e Madeira.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 62.9% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 27.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 9.4% consideraram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, quando comparados estes resultados com os da questão anterior, denota-se um certo agravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano. Em todas as regiões predominam as atitudes pessimistas, verificando-se uma tendência para o agravamento também em todos os grupos etários, principalmente na mais velha. Há uma distribuição quase uniforme do pessimismo pelas várias dimensões físicas das empresas e em todas as classes

especializadas como também ao nível de rendibilidade das explorações agrícolas e com a dimensão económica.

As dificuldades quanto ao Enquadramento Económico Global foram claramente as mais referenciadas (56% das respostas) pelos inquiridos; nesta categoria de dificuldades sobressaíram, como principais dificuldades, o escoamento da produção, os custos dos factores e o nível de rendimento obtido. Em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (em 20% das respostas); a Situação Sócio-Política, os Factores Agro-climáticos e a Situação Económica da Empresa, atingindo apenas 10%, 10% e 4% das respostas, respectivamente. Apenas 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.